



5 JIIC

JORNADA DE INTEGRAÇÃO
E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FACULDADE
CESUSC

ANTI-DESIGN

Ketlen Cristine Viana 1
Paola Beatriz May Rebollar 2

INTRODUÇÃO

O Design de Interiores e a Arquitetura satisfazem a nossa necessidade básica de abrigo e proteção: ambos “estabelecem o palco para a maior parte de nossas atividades e influenciam suas formas, nutrem nossas aspirações e exprimem as ideias que acompanham nossas ações” (CHING e BINGGELI, 2013, p.36). Para que tais objetivos sejam atingidos é necessário determinar quais elementos serão usadas e como serão dispostos ao longo do processo de projeto. O uso e a disposição dos elementos visam a melhoria funcional, o aprimoramento estético e a melhoria psicológica dos espaços. A forma como percebemos a forma e a função dos ambientes, apesar de intuitiva para o usuário, é fruto de rica pesquisa e experimentação por parte de profissionais e artistas (GOMES FILHO, 2009).

O conteúdo estético e seu significado vem sendo testado pelas sociedades humanas desde a pré-história: diferentes grupos em distintos momentos históricos construíram uma gramática visual perceptível e carregada de significados. Desde o Egito Antigo, a arte sido utilizada em ambientes interiores com o objetivo de decorar, mas, principalmente, informar os usuários dos espaços. Diferentes estratégias materiais para demonstrar as ideias de luxo, poder e riqueza foram desenvolvidas na Antiguidade e ainda são empregadas nas cidades contemporâneas: o uso da linguagem arquitetônica clássica (colunas gregas, frontões triangulares, abóbodas), a monumentalidade de espaços e objetos artísticos, as cores e tecidos etc. Estas estratégias materiais foram ampliadas durante o Renascimento Cultural objetivando a comunicação das mesmas ideias. Porém, ao longo dos séculos XIX e XX diversos designers, arquitetos e artistas buscaram outras ideias para representar através de seus trabalhos e, conseqüentemente, outras estratégias materiais para comunicar visualmente seus pensamentos (DEMPSEY, 2010; GOMBRICH, 1999; PEREIRA, 2010).

OBJETIVO

É apresentar o Movimento Anti-Design no que se refere aos significados e elementos visuais básicos empregados.

DESENVOLVIMENTO

Antidesign, Design Radical e Contradesign, são termos usados para descrever inúmeras práticas "alternativas" ligadas à arquitetura e ao design nos anos 60 e 70. Sobretudo, por parte do grupo britânico Archigram e dos estúdios italianos Archizoom e Superstudio.

Esses antidesigners rejeitavam os princípios do alto modernismo e, em particular, a valorização da função estética de um objeto em detrimento de seu papel social e cultural. Esse movimento se consolidou como revolta ao modernismo, mesmo não sendo voltado ou acessível para a população, marcou a transição do modernismo para a pós-modernidade.

Ao mesmo tempo em que essa nova fase trazia certa insegurança, pois era a busca pelo novo, também proporcionava uma total liberdade ao design/designers. Agora, o designer estava conquistando o poder de criação total, era o início do fim da rigidez e das normas. Ele continuou a tradição do uso de novos materiais e cores ousadas que começou com a Pop Art, mas também baseou-se em estilos históricos como Art Deco, Kitsch e Surrealismo.

A principal diferença entre o Design Radical e o Anti Design, é o fato que o Radical Design visava diretamente à sociedade e o consumo com suas propostas, até mesmo utópicas, para organização social e evolução cultural. Buscava mesclar inovações com o que já havia no passado.

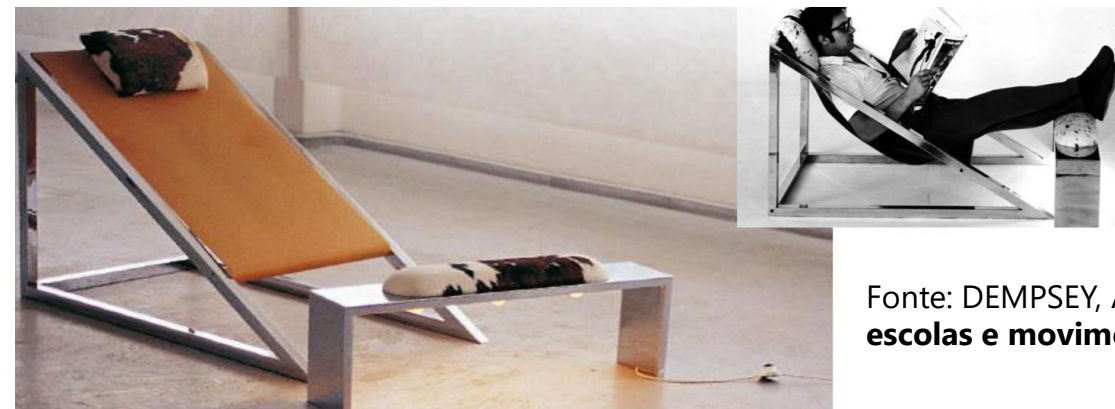
Sob o lema de "a forma segue a diversão" (form follows fun) e "menos é aborrecido" (less is bore) defendiam um design com maior função simbólica, com maior carga de humor e ironia, uso de elementos "kitch" (gosto popular e ordinário) e maior sensualidade.

Flores, curvas, cores e saturação de formas; uso de materiais reciclados assim como tipografias psicodélicas e objetos não funcionais foram ganhando cada vez mais aceitação entre os jovens designers que faziam exatamente aquilo que era considerado errado no "Bom Design".

O mais famoso deles foi o Grupo Memphis que teve grande influência sobre o design dos anos 80, caracterizado pela linha alegre e arrojada de formas angulares e cores contrastantes. Acreditando que o consumo é também a busca por identidade, seus designers criaram objetos provocativos, anti-funcionais, excêntricos, ornamentais (muitos o comparam ao Arts & Crafts), com uso de cores fortes, plásticos laminados e estampados. Memphis queria provocar "caos semântico". Com humor, energia e vitalidade, criou um novo vocabulário para o design.

A grande herança de Memphis pode ser creditada aos movimentos de vanguarda italianos Radical Design e Anti-Design. Eles contestavam o funcionalismo e o racionalismo do estilo moderno internacional, valorizando a expressão criativa individual e a diferenciação cultural. Ambos criaram os fundamentos teóricos para o futuro movimento pós-moderno. O anti-design não possui regras definidas, de modo que podemos criar à vontade. A cor, o excesso, a intensidade ou a combinação dos mesmos, não têm limites.

Figura 1 - Studio Archzoom, Cadeira Mies, 1969



Fonte: DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**

Figura 2 - Ettore Sottsass, mobiliário grupo Memphis



Fonte: DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os estudantes de Design de Interiores conhecer estes esforços e seus resultados, emprega elementos visuais relacionados aos diferentes estilos históricos são empregados com frequência nos projetos compondo uma estética mas também informando significados. A aplicação coerente e consciente destes elementos é fundamental para elaboração de bons projetos. Diante disso, a matriz curricular do Curso Superior em Design de Interiores apresenta disciplinas de cunho teórico que visam contribuir com o embasamento e a pesquisa para desenvolvimento de projetos. A disciplina de Fundamentos da História Social da Arte está sendo desenvolvido o Projeto de Pesquisa intitulado Gramática Visual dos Estilos Históricos cujo objetivo é analisar estilos, escolas ou movimentos artísticos históricos no que se refere aos significados propostos, bem como, às estratégias visuais empregadas.

1 - Graduanda em Design de Interiores / Faculdade Cesusc / e-mail: kekeh.skw@email.com
2 - Dra. Professora / Faculdade Cesusc / e-mail: paola.rebollar@email.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHING, Francis D. K.; BINGGELI, Corky. **Arquitetura de interiores ilustrada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**: guia enciclopédico da arte moderna. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, Claudio Alves Marcondes. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. **Design do século XX**. Tradução de João Bernardo Boléo. Lisboa: Taschen, c2005. 768 p.
GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistemas de leitura visual da forma. 9. ed. São Paulo: Escrituras, 2014. 133 p.
GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, c1999. 688 p.
PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução à história da arquitetura**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2010.